

ANGÚSTIA: UM ELO ENTRE CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA E MEMÓRIAS DO SUBSOLO

Samantha Costa de Sousa (UFPA)¹

Luis Heleno Montoril del Castillo (UFPA)²

RESUMO: De acordo com o pensamento de Schopenhauer, o sofrimento é necessário e inevitável para a vida humana, se origina justamente no conflito entre o indivíduo e sua consciência de si. O ciclo constante entre a vontade e a impotência de supri-la gera no homem o sentimento de angústia. É sob esta vereda que travamos um elo comparativo entre as obras *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, e *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski. Através de uma análise comparativa entre as personagens principais de ambas as obras, é possível perceber que se configuram semelhanças em suas personalidades, nas suas ações e até mesmo nas suas formas de ver e construir o mundo, mesmo que estejam nelas implantados os reflexos de sociedades diferentes; enquanto que *Memórias do subsolo* é uma obra russa, criada em meados de 1864, *Chove nos Campos de Cachoeira* é uma obra amazônica que remonta dos anos de 1930. Percebe-se que apesar das diferentes culturas que as separam, as mesmas se aproximam ao analisar tão de perto o ser humano, ao mostrar suas angústias perante a existência.

Palavras-chave: Angústia. Schopenhauer. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Dalcídio Jurandir. *Memórias do Subsolo*. Dostoiévski.

INTRODUÇÃO

Apesar de separadas pelo tempo e pelo espaço, as obras **Chove nos campos de Cachoeira**, do escritor amazônico Dalcídio Jurandir, e **Memórias do Subsolo**, do russo Fiodor Dostoiévski, apresentam ao longo do desenvolvimento de seus protagonistas diversas semelhanças, desde traços que caracterizam os personagens, até mesmo nos

¹ Samantha Costa de SOUSA. Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: samantha.c.sousa@gmail.com

² Luis Heleno Montoril DEL CASTILLO. Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: heleno@ufpa.br

pensamentos que emanam da construção dos mesmos. Conheçamos, primeiramente, as obras em estudo para que possamos dar prosseguimento à análise comparativa.

A primeira versão de *Chove nos campos de Cachoeira* foi escrita em 1929, quando o escritor trabalhava em Gurupá, PA. Em 1939 a obra é reescrita em Belém, mas apenas em 1941 é que a obra será publicada pela editora Vecchi como parte da premiação pelo concurso Vecchi-Dom Casmurro. A obra retrata a vida dos ribeirinhos na ilha de Cachoeira do Arari, destacam-se na obra os dramas da família de Major Alberto, o pandemônio da casa de Seu Cristóvão, as misérias da vida da prostituta Felícia. É uma obra carregada de dilemas e dramas do ser humano.

Daremos destaque nesta análise ao personagem Eutanázio, filho mais velho de Major Alberto, trata-se de um homem amargurado que apenas colhe humilhações e mazelas e corrompe-se ao longo de toda a obra, sobre ele é que voltaremos nossos olhos durante a análise para estabelecer uma correspondência com um outro personagem, o homem do subsolo de Dostoévski.

Memórias do Subsolo foi escrita em 1864, divide-se em duas partes: **Memórias do subsolo**, que é basicamente um monólogo de um personagem sem nome (a quem chamaremos de homem do subsolo), um funcionário civil aposentado, o personagem desenvolve suas ideias em forma de diário, afirma que são suas memórias do que vivera durante os anos que resolvera isolar-se no seu subsolo (que pode ser entendido tanto como sua moradia, um pequeno e miserável alojamento nos confins de Petersburgo, quanto como seu subconsciente, já que o personagem não se isola apenas socialmente, mas se isola também por dentro); a segunda parte chama-se **A propósito da neve fundida**, nesta o personagem narra três momentos de sua vida em que ele mostra na prática como suas ideias se aplicam à vida e às ações humanas.

O homem do subsolo é uma criatura amarga que conheceu desde a humilhação de sentir-se inferior aos demais, até a perversidade de maltratar os outros e a si mesmo. Reflete sobre a liberdade, sobre o poder de escolha, sobre as dores da existência humana. Questiona as atitudes e os valores do homem, tem uma noção pessimista da realidade e é afligido por sua extrema consciência de si, ele mesmo se declara como sendo um homem mau e desagradável, mas ao mesmo tempo superior aos demais. O

homem do subsolo é uma espécie de anti-herói, um narrador-filósofo que busca distrair-se e expurgar-se de suas memórias.

ANÁLISE COMPARATIVA

Começamos, então, esta análise afirmando que ambos os protagonistas encontram-se na mesma faixa etária, cerca de quarenta anos, e sofrem moléstias que corroem seus corpos: “Sofro do fígado! Tanto melhor! E tanto melhor ainda de o mal piora. Há muito tempo já que eu vivo assim: uns vinte anos, pouco mais ou menos. Tenho quarenta anos” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 17), “Mocidade e ele com quarenta anos! Sim, estava próximo dos quarenta. (...) Não ia apodrecer em vida. Não era vergonha um homem com ‘aquela enfermidade’. Natural. (...) E Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma” (JURANDIR, 1995. p. 22). Os dois personagens também se recusam a tratar suas doenças: “Vão ter pena do diabo mas não dele. Deixem ele com sua doença! Ninguém tinha de andar incomodando ele.” (idem: 25), “Não me cuido, nunca me cuidei, se bem que estimo os médicos e a medicina. (...) Se não me trato é por pura maldade de minha parte.” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 17).

Eutanázio e o homem do subsolo sentem certa volúpia no próprio aniquilamento, por vezes até mesmo a necessidade de serem humilhados: “a volúpia, neste caso, provinha de que eu me inteirava demais da minha humilhação” (Idem. p. 21), “Ele engoliu tudo sem responder. Tinha em certos momentos até vontade de receber mil insultos que o magoassem muito, humilhassem-no, sentia delícia na tortura.” (JURANDIR, 1995. p. 24). Compartilham gênios difíceis, são agressivos, intoleráveis: “Fui um funcionário muito ruim. Era grosseiro e tinha prazer em sê-lo.” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 17), “Mas Eutanázio se tornou intratável, estúpido, dentro de uma moléstia, do seu tédio, da sua humilhação” (JURANDIR, 1995. p. 65).

Entretanto, o próprio homem do subsolo confessa que por vezes é dócil: “Tenho espuma na boca; mas, trouxe-me uma boneca, ofereci-me uma chávena de chá bem doce, e é provável que eu me acalme; sentir-me-ei mesmo muito comovido” (DOSTOIÉVSKI, 1887. p. 18). Momentos assim também são evidentes em Eutanázio que demonstra certa afeição com seus irmãos Mariinha e Alfredo: “Eutanázio e Alfredo

vão juntos. Alfredo quer que Eutanázio lhe conte uma das suas histórias também. Versos, histórias sem interesse, algum comentário, tudo isso tinha ar de confiança para Eutanázio.” (JURANDIR, 1995. p. 185), ou ainda: “Mariinha esperou até muito tarde que as estrelas descessem. Eutanázio pensou que foi talvez a única tentativa melhor de poesia que pudera fazer. Por isso Mariinha era a única criatura que ele acariciava.” (Idem. p. 224)

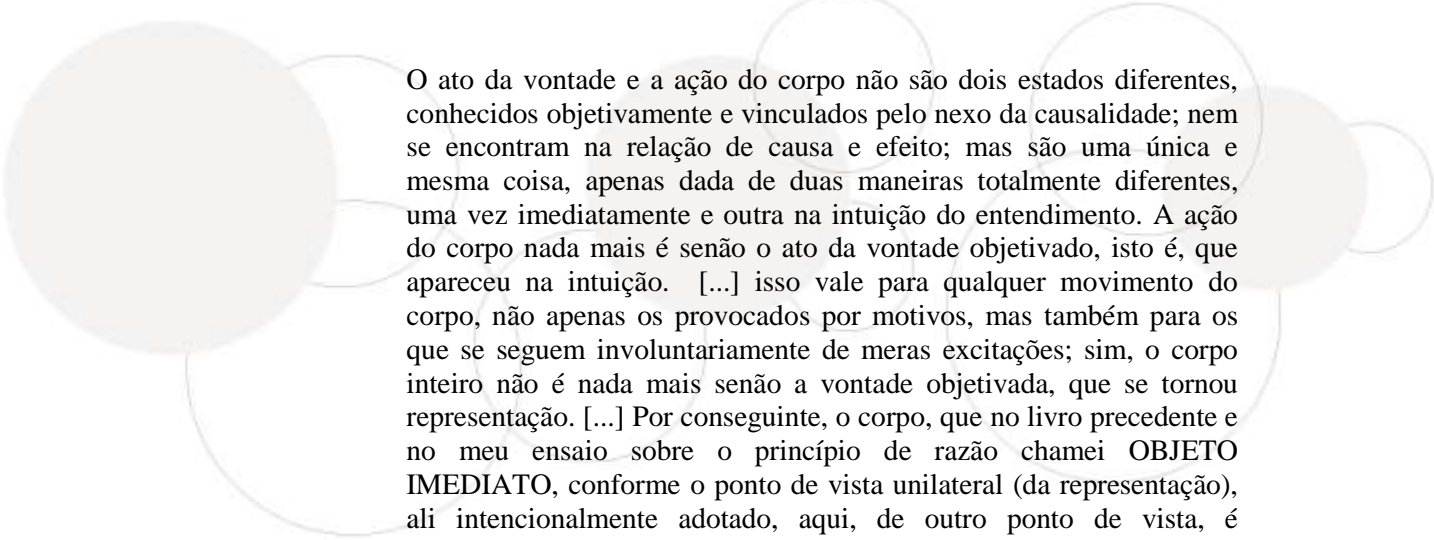
Outro traço incomum é a aparência física: “Eutanázio era feio e azedo” (Idem. p. 85), era magro e abatido, seus dentes eram cacos e andava sempre de gravata, o homem do subsolo também desprezava sua própria imagem:

Eu detestava meu rosto por exemplo. Achava-o ignóbil e suspeitava mesmo que tinha não sei que expressão covarde e vil. (...) Temendo que me suspeitassem de covardia, cuidava de dar ao meu rosto uma expressão tanto quanto possível distinta. “Meu rosto não é belo”, dizia-me, “é preciso então que seja ao menos distinto, expressivo, e sobretudo muito inteligente.” (DOSTOIEVSKI, 1987. p. 52)

Dentre suas relações na sociedade, destaca-se também um ponto em comum, os dois personagens mantiveram uma relação íntima importante com uma prostituta. Eutanázio, movido pela humilhação e necessidade de autoaniquilamento, procura Felícia, mesmo sabendo que anteriormente ela estivera com um “homem suspeito” e que possivelmente contraíra uma doença venérea. A relação de Eutanázio com Felícia é construída em torno do sentimento de pena, ela é um dos personagens mais miseráveis da trama, está completamente sozinha e perdida. Entretanto, mesmo sensibilizado com o estado da jovem, Eutanázio também a ofende quando rouba-lhe os trinta mil réis que um barqueiro lhe dera para que se tratasse. De modo semelhante age o homem do subsolo com a jovem Lisa, após ver-se completamente humilhado por seus ex-colegas de escola, encontra-se com Lisa em um bordel, a sós tem uma longa conversa com a jovem e consegue sensibilizá-la com um discurso moralista sobre seu estado. Noutro momento, após dar esperanças de que ela, com ajuda dele, poderia mudar de vida, ele a agride, humilha-a com palavras e gestos: ofende-a afirmando que apenas zombava dela e que apenas realizava seu desejo de humilhar alguém, por fim, entrega-lhe dinheiro, como se estivesse a pagar novamente por seus serviços. Aos dois, tanto a Eutanázio quanto ao

homem do subsolo, resta, depois de tais atitudes, o remorso e o sentimento de que quem afundava eram eles mesmos, no fim, a humilhação que eles provocavam se voltava para eles.

As semelhanças vão se intensificando à medida em que nos aprofundamos na personalidade de cada um. Percebemos, por exemplo, que suas ações são geradas pelo mesmo impulso, a vontade. Schopenhauer, na sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, conceitua este sentimento como a essência para todos os fenômenos. É o impulso natural da vida. Para o filósofo, o agir e o querer não se separam, se somos tomados pela vontade, conseqüentemente somos induzidos ao agir:



O ato da vontade e a ação do corpo não são dois estados diferentes, conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexu da causalidade; nem se encontram na relação de causa e efeito; mas são uma única e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes, uma vez imediatamente e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição. [...] isso vale para qualquer movimento do corpo, não apenas os provocados por motivos, mas também para os que se seguem involuntariamente de meras excitações; sim, o corpo inteiro não é nada mais senão a vontade objetivada, que se tornou representação. [...] Por conseguinte, o corpo, que no livro precedente e no meu ensaio sobre o princípio de razão chamei OBJETO IMEDIATO, conforme o ponto de vista unilateral (da representação), ali intencionalmente adotado, aqui, de outro ponto de vista, é denominado OBJETIDADE DA VONTADE. Por isso, em certo sentido, também se pode dizer: a vontade é o conhecimento a priori do corpo, e o corpo é o conhecimento a posteriori da vontade (SCHOPENHAUER, 2005. p. 157).

Schopenhauer ainda afirma que a plenitude está no ato de ignorar a vontade, evitar os desejos, mas seria o homem capaz disso? É o que o homem do subsolo questiona ao seu leitor, põe em evidência o poder que as ciências exercem sobre as ações humanas na procura de justificativas para determinadas atitudes do homem, mas ele acaba por concluir que o homem não é uma simples tecla de piano que se move de acordo com a partitura, não há leis que rejam a natureza humana, põe abaixo qualquer ideia positivista ou determinista: “Que restará da minha vontade, quando tudo estiver nas tábuas de calcular e quando não mais houver duas vezes dois igual a quatro?” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 42). Não há nada que justifique as atitudes humanas além do

fato que é sob o domínio da vontade que ele se encontra a todo momento. E é nesta condição que o homem se torna vil, age de acordo com o desejo de satisfazer-se, mesmo que momentaneamente:

O homem é bruto, terrivelmente bruto, ou melhor dizendo, não é tão bruto quanto ingrato, e é difícil encontrar quem seja mais ingrato que ele. (...) O homem é feito assim. E tudo isso por causa de uma ínfima que se poderia desprezar completamente, parece: tudo isso porque todo e qualquer homem aspira, sempre e em todas as situações, a agir segundo sua vontade e não de acordo com as prescrições da razão e do interesse; ora, vossa vontade pode e deve mesmo, por vezes (esta ideia me pertence, como propriedade particular), se opor aos vossos interesses. (idem. p. 36-37)

Essa mesma imagem negativa sobre o homem também se constrói nos pensamentos de Eutanázio:

Era capaz do monstruoso, do inacreditável, do que logicamente não poderia acontecer com ele. Havia nele esse momento em que todos nós somos depravados e varridos de toda nossa aparência e mostramos sobre todo o nosso tremendo esforço de recalcação o que há de baixo e de necessariamente crapuloso dentro de nós. Há uma necessidade do mal no ser humano. A sua perversão que pula do inconsciente é como uma advertência. Em Eutanázio a perversão como sempre vinha do espírito. O instinto é sempre puro. (JURANDIR, 1995. p. 165)

Eutanázio riu-se. Quem, Cristino? Não era capaz? Do que o gênero humano não é capaz? Não é capaz? Há forças cegas e soltas em nós que escapam a nossa consciência e assume às vezes um poder demoníaco sobre... Irene é uma força solta. Um temporal dentro de si. (Idem. p. 166)

Essa força solta é a própria vontade. Seria o homem refém da vontade, ou ela seria uma escolha sua? Uma escolha impetuosa que o leva a sua mais ínfima condição. É exatamente nesta situação que se encontra Eutanázio, seu objeto de desejo é Irene, mesmo que persegui-lo o leve à total destruição, ele continuará insistindo nesta luta. Ele reconhece que poderia livrar-se dessa vontade, mas não há força que o leve a tal, não há força externa, tampouco interna:

Somos capazes da maior infâmia e da... “Grandeza” foi a palavra que se esboçou no seu espírito. Todo homem tem o seu momento de

grandeza. É capaz dum ato de grandeza. Quando não chega a esboçar esse ato tem, em suma, o ato da morte. Mas eutanázio sente que ele está infamemente ligado à vida. E se desespera e fica naquela prostração na escada, sabendo que poderia reagir, que só faltava um aceno, um olhar de compreensão de alguém, para se levantar, regressar à casa de suas irmãs. (Idem, ibdem)

Por sempre sucumbir as suas vontades é que a satisfação diante da vida está sempre em declínio. A vontade sempre persegue o ser humano, mas ela não pode ser realizada, o momento em que ela se realiza, todo o prazer de tentar realizá-la desaparece, é então que surge o sofrimento:

“Entre querer e alcançar flui sem cessar toda vida humana. O desejo, por sua própria natureza, é dor; já a satisfação logo provoca saciedade: o fim fora apenas aparente: a posse elimina a excitação, porém o desejo, a necessidade aparece em nova figura” (SCHOPENHAUER, 2005. p. 404).

Sendo assim, a essência da vontade é o sofrimento, não há como escapar deste trágico destino que ronda a existência humana: “Queremos considerar na existência humana o destino secreto e essencial da Vontade. (...), e assim nos convencer suficientemente de como, em essência, incluindo-se também o mundo animal que padece, ‘toda vida é sofrimento’” (Idem. p. 400).

Esses traços desembocam num sentimento pertinente nas duas obras, que é a angústia. Schopenhauer define a angústia como o conhecimento que o ser adquire sobre si mesmo. Quanto maior a noção que o homem tem sobre sua condição e seu estar-no-mundo, maior é o sofrimento que cairá sobre ele, é o que afirma o filósofo:

À medida que o conhecimento se torna mais claro e em que a consciência aumenta, o sofrimento cresce, chegando no homem ao grau supremo; e é neste ponto tanto mais violento quanto melhor é o homem dotado da lucidez de conhecimento, quanto mais é excelsa a sua inteligência: aquele em quem esta o gênio, é sempre aquele que maiormente sofre. (SCHOPENHAUER, s/d. p. 28)

E talvez seja este o maior mal que afeta tanto Eutanázio quanto o homem do subsolo, ambos têm muita consciência de si. “Toda consciência é uma enfermidade” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 20), é o que aponta o homem do subsolo, porque a

consciência nos leva a reconhecer que a vida é feita de sofrimento, que a felicidade é fugaz e que as escolhas dependem unicamente do próprio indivíduo e que sobre ele recairá todas as consequências dessas escolhas. É o que nos mostra o homem do subsolo ao confessar que preferia ser um daqueles homens simples e espontâneos que apagam-se diante de um muro, que cedem sinceramente aos empecilhos que a vida lhes põe no caminho, prefere-o apesar de considerar-lhe um estúpido, porque talvez seja ele o homem normal por excelência que saiu do “seio da natureza”. O homem de consciência, ao contrário, não passa de um rato, ele mesmo se vê assim, um ratinho clarividente que a todo momento se sente humilhado e que guarda suas angústias enterradas em si mesmo, guarda desejos desprezíveis que sua consciência não o deixa colocar em ação. O homem de consciência está condenado a assistir seu próprio aniquilamento. E esta mesma imagem podemos encontrar em Eutanázio:

Eutanázio criara monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo. (JURANDIR, 1995. p. 30)

Eutanázio caminha todos os dias para seu aniquilamento. Sua Angústia chama-se Irene, uma jovem debochada que se delicia em desprezar Eutanázio. E Eutanázio também não pode negar o prazer que esse desprezo lhe proporciona. A risada de Irene o persegue, ela é um vício, um desejo impossível de se realizar e que por isso é mais desejado. A náusea também o persegue, a sensação de estar sempre afundando, a consciência de ser, ele mesmo, uma criatura desprezível, esmagada por todos.

Os dois personagens passam por um processo de autoaniquilamento, procuram satisfazer suas vontades em situações degradantes, ou melhor, desejavam coisas incongruentes e vis. Para eles, essa busca pelo sofrimento e pela dor era praticamente uma necessidade, ou nas palavras do homem do subsolo: “dir-se-ia que era meu estado normal e de modo nenhum uma doença ou um vício” (DOSTOIÉVSKI, 1987. p. 21).

O homem do subsolo narra na segunda parte da obra, *A propósito da neve fundida*, três episódios de sua vida em que sua degradação é latente. O homem do subsolo diz-se cruel e azedo, mas as vilezas servem senão para gerar-lhe a própria

depreciação, como ele mesmo admite, ele é quem mais sofre ao cometer alguma maldade. Os três episódios se configuram em tentativas de humilhar aqueles que o incomodavam de alguma maneira, mas o resultado dessas tentativas é sempre o esmagamento do próprio protagonista. Nas três histórias o homem do subsolo encontra a humilhação, são ações que justificam todas as ideias que desenvolvera na primeira parte da obra. Era um homem malvado, deveras, mas suas maldades atingiam menos os outros do que a si mesmo. Ele se aniquila a todo momento, como já fora afirmado, isso era uma necessidade dele, era justamente de onde ele retirava o prazer.

No caso de Eutanázio o processo de autoaniquilamento também se dá em suas ações. Como já fora explicitado anteriormente, era Irene sua fonte de angústia, e cada vez que Eutanázio trilha o caminho para a casa de Cristóvão, a sua corrosão torna-se patente. Irene está em Eutanázio como sua espinha dorsal, mas não é o corpo de Irene que ele deseja, não é o carinho de Irene que ele espera, é a maldade de Irene que o atrai, a maneira como ela o humilha e o despreza, como ela ri zombeteiramente dele, Eutanázio gosta de ser destruído por Irene, melhor dizendo, Eutanázio gosta de se destruir através Irene. Tracemos alguns momentos em que Eutanázio se aniquila.

Começemos por sua doença. Eutanázio a contraiu com Felícia. Foi uma punição que ele deferiu contra si mesmo. Saíra, naquela noite, com tanto ódio da casa de Cristóvão que sentia que era necessário castigar-se por não resistir ao riso de Irene. Eutanázio chega molhado à casa de Irene, sente-se um homem vil, derrotado, o mais miserável dentre os miseráveis. Possui Felícia por vingança, contra si mesmo, contra Irene. Infectado, então, sua corrosão não é apenas espiritual, mas também física, sofrerá também com as dores, com as febres, com o incômodo que a doença lhe proporciona.

A corrosão de Eutanázio está diluída em todo o romance e ele assiste sua destruição, sempre procurando submeter-se mais e mais à miséria humana. O trajeto final de sua corrosão é a espera da morte. Deitado em sua rede, sem falar, sem reagir, ele espera Irene. Ela vai ao seu encontro, mas não como ele desejava, ela adquirira uma imagem dócil, maternal. Era como se sua Irene também deixasse de existir, ela partiria com ele. Eutanázio tivera uma morte lenta, que antes de se tornar definitiva corroe pouco a pouco o corpo e a alma do protagonista.

Percebe-se nos dois personagens, tanto em Eutanázio quanto no homem do subsolo, um declínio muito forte para o nada. Não há, entre eles, um desejo de morte, mas também não há esforço para a vida. Está declarada neles dois a fraqueza humana, a inutilidade do homem para a natureza. Isso nos faz pensar num aspecto niilista presente nos personagens. O niilismo, segundo Nietzsche, seria a perda de valores, a perda de sentido que o homem sofre perante o mundo. Para Schopenhauer, o niilismo é uma queda eterna para a morte, ou para a nadaificação do ser. Eutanázio e o homem do subsolo são dominados por essa visão negativa da vida, compreendem-na como uma fonte de misérias e sofrimentos, nada mais que isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de sessenta anos separam Chove nos campos de Cachoeira e Memórias do subsolo, milhares de milhas separam Dalcídio Jurandir e Dostoiévski, mas essas fronteiras se diluem em se tratando de Literatura Comparada. É possível encontrarmos evidências culturais, filosóficas, estruturais nas mais diversas obras literárias.

Neste estudo podemos comprovar que os personagens Eutanázio e o homem do subsolo compartilham de matizes filosóficos semelhantes. Está evidente o pensamento pessimista que se constrói em torno dos dois. A vida é negada e a morte não assombra. Para os dois protagonistas a essência da vida é o sofrimento e a dor, por isso estão sempre a buscar maneiras de se corromperem, de se destruírem. Eles cedem aos seus desejos, vontades infames. Eles têm uma consciência clarividente demais de sua situação e por isso se entregam ao nada, não há luta, não há um sentido ou força para lutar. São heróis corroídos pela própria consciência.

As semelhanças entre os dois são inúmeras, tantas quantas são necessárias para que um personagem se confunda com o outro. Seria Eutanázio um homem do subsolo? Sim, ele e tantos outros da sociedade moderna são homens do subsolo. Aliás, tais pensamentos tão negativos em relação a vida não encontram melhor exemplo do que o homem moderno, este que parece não conseguir alcançar as transformações do mundo, este que tem desejos cada vez mais vorazes e volúveis. O homem do subsolo e o próprio

Eutanázio, são, em essência, a imagem da decadência humana, da derrocada do homem perante sua falta de limites.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Cassiano Clemente Russo do. **Algumas considerações sobre Memórias do subsolo a partir de um referencial Nietzscheano**. Disponível em <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/CassianoClementeRussoDoAmaral.pdf>> acesso em 16 de julho de 2014.

DOSTOIÉVSKI, Feodor. **Memórias do Subsolo** in Os melhores contos de Dostoievski. Círculo do Livro: São Paulo- SP, 7. ed. 1987.

FURTADO, Marlí. **Universo derroído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 2002. 273 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira.)- Instituto de estudos da linguagens. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. CEJUP: Belém-PA, 3 ed. 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **O mundo como vontade e representação IV**. Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/24881-24883-1-PB.pdf>> acesso em 16 de julho de 2014.